

## QUEBRANDO AS REGRAS

CHRIS BLAKE - Enviado por Leon Bunker

Todo aluno científico Monroe conhecia as regras. E ninguém ousava quebrá-las. Ninguém. Na hora do almoço no científico Monroe era sempre igual. Assim que tocava o sinal do fim da última aula da manhã, os alunos corriam até seus escaninhos. Depois, os que não comiam no refeitório se dirigiam para a quadra com seus lanches dentro de saquinhos. A quadra era um grande quadrado de concreto sem árvores no meio do colégio. Era o lugar dos encontros e das refeições.

Os vários grupinhos do colégio se reuniam em torno da quadra. Os viciados se juntavam no lado sul. Os punks ficavam ao seu lado. No lado leste ficavam os negros. Ao seu lado, os CDFs. Os atletas ficavam no lado norte, ao lado dos surfistas. Os caipiras ficavam no lado oeste. As patricinhas e os mauricinhos ficavam no refeitório. Todos sabiam seus lugares.

Esse arranjo criava uma certa tensão. No entanto, mesmo toda a tensão gerada no perímetro da quadra na hora do almoço não era nada em comparação com o interior da quadra.

Lá dentro era a terra-de-ninguém. Ninguém do Monroe cruzava o meio da quadra. Para passar de um lado para o outro, os alunos davam a volta na quadra. Davam a volta nas pessoas. Davam a volta nos olhares. Todo mundo sabia, ninguém fazia.

Então, certo dia, no começo da primavera, chegou uma aluna nova no Monroe. Seu nome era Lisa. Ela não conhecia a área. Na verdade, era nova no estado. E, embora Lisa fosse bastante simpática, não atraiu amigos com rapidez. Era gorda demais e tímida, e o estilo de suas roupas era meio... cafona.

Ela se inscrevera no Monroe naquele dia. Durante a manhã inteira sofrera para encontrar suas salas e algumas vezes chegara tarde, o que era especialmente constrangedor. Os professores, em geral, tinham sido tolerantes. Alguns ficaram irritados, pois suas turmas já eram grandes demais e a chegada de um novo aluno exigia uma burocracia antes da aula.

Mas ela conseguira "sobreviver" até a hora do almoço. Ao ouvir o sinal, Lisa suspirou e juntou-se à multidão no corredor.

Caminhou até o escaninho e tentou seu segredo três, quatro, cinco vezes antes de ele abrir com um estrondo. Para não ter que voltar e pegar os livros no armário depois do almoço, resolveu levá-los com ela. Pensou em almoçar nos degraus na frente da sua próxima sala.

Lisa começou então a caminhada mais longa da sua vida: através do colégio em direção à sua próxima aula. Cruzou o corredor. Desceu as escadas. Cruzou o gramado. Cruzou a calçada. Cruzou a quadra.

Enquanto caminhava, Lisa tinha de equilibrar os pesados livros no braço e o saquinho com seu lanche no outro. Ela pegara livros demais, e o de cima da pilha não parava de escorregar. Então ela era obrigada a ficar prestando atenção nele como em um número de malabarismo. Foi passando pelas pessoas e avançando lentamente, sem ligar para o que estava em volta.

De repente, sentiu alguma coisa, um silêncio estranho. Um temor inominável apoderou-se dela. Lisa parou. Levantou a cabeça.

Centenas de olhos estavam pregados nela. Olhares cruéis, cheios de ódio. Olhares impiedosos. Olhares irados. Olhares sem sentimento, frios, que penetravam em seu corpo. Ela estacou, tonta, imobilizada. Sua mente gritava: "Não!

Isso não pode estar acontecendo!" Ninguém sabe dizer com certeza o que aconteceu em seguida. Alguns contam que Lisa deixou cair o livro, abaixou-se para pegá-lo e perdeu o equilíbrio. Outros dizem que ela tropeçou. Não importa como aconteceu.

Ela caiu no chão e ficou ali caída, com as pernas abertas, no meio da quadra.

Então os risos começaram como uma corrente elétrica percorrendo o perímetro, carregada de um clima de pesadelo, enrolando-se cada vez mais em torno de sua vítima. E ela ali caída.

De todos os lados, dedos apontavam para ela, e depois começaram os insultos, crescendo em um júbilo rouco, aumentando em uma insanidade implacável. E ela ali caída.

De um canto da quadra, uma figura surgiu lentamente. Era um garoto alto e tinha um andar rígido, como se medisse cada passo. Caminhou para onde os dedos apontavam. À medida que os alunos perceberam que havia outra pessoa no meio da quadra, os insultos diminuíram, depois pararam. Um silêncio espalhou-se pela multidão.

O garoto andou em meio ao silêncio. Caminhava com firmeza, com os olhos fixos na forma caída no concreto. Quando chegou perto da garota, o silêncio era sepulcral. O menino simplesmente se ajoelhou, pegou o saco de comida, os livros espalhados e depois pôs a mão debaixo do braço da garota e a olhou nos olhos. Ela se levantou. O garoto ajudou Lisa a se equilibrar, enquanto caminhavam pela quadra e cruzavam com as pessoas mudas que se afastavam para deixá-los passar.

No dia seguinte, na hora do almoço, uma coisa curiosa aconteceu no científico Monroe. Assim que o sinal que marcava o fim da última aula da manhã começou a tocar, os alunos correram até seus escaninos. Depois, os que não comiam no refeitório se dirigiram para o meio da quadra com seus lanches. De todos os lados do colégio, grupos diferentes de alunos caminhavam livremente pela quadra. Ninguém podia explicar realmente por que agora era permitido. Todos apenas sabiam. E, se você visitar o científico Monroe, é assim que é hoje.

Isso aconteceu há algum tempo. Eu nunca consegui descobrir o nome do garoto que ajudou Lisa. Mas ninguém aqui vai se esquecer do que ele fez. Ninguém.